

O ENTRELAÇAMENTO DO CÂNCER NA SEXUALIDADE FEMININA: UM ESTUDO QUALITATIVO-EXPLORATÓRIO¹

THE INTERWEAVING OF CANCER IN FEMALE SEXUALITY: A QUALITATIVE-EXPLORATORY STUDY

EL ENTRELAZAMIENTO DEL CÁNCER EN LA SEXUALIDAD FEMENINA: UN ESTUDIO CUALITATIVO-EXPLORATORIO

Ana Carolina de Moraes Silva²  Pablo de Carvalho Godoy Castanho³ 

Resumo: Receber o diagnóstico de câncer provoca diversas mudanças na vida, sendo a sexualidade, muitas vezes, desconsiderada nesse processo. Com isso, reflete-se acerca dos espaços possíveis para pensar a sexualidade no adoecimento, adotando uma compreensão ampliada desse conceito, a partir da psicanálise, em articulação com o campo da saúde. Desse modo, este artigo visa a refletir sobre a vivência da sexualidade feminina após o diagnóstico de câncer, por meio de uma intervenção psicanalítica em grupo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa-exploratória, em que participaram 17 mulheres de duas ofertas de grupo. Cada grupo foi pautado nas técnicas de Grupos operativos de aprendizagem e da Fotolinguagem. Foi realizada uma análise dos principais emergentes grupais e os resultados foram discutidos em três categorias: a ambivalência no adoecimento por câncer, a transformação da sexualidade: formas de pensar a vivência sexual para além da genitalidade, e o luto pela perda de si e suas possibilidades. Analisa-se que a oferta de um espaço protegido e acolhedor tornou possível a formação de vínculos genuínos, abrindo para a possibilidade de ressignificar tanto a sexualidade, quanto o processo de adoecimento das mulheres envolvidas.

Palavras-chave: Sexualidade; Câncer; Grupo.

Abstract: Receiving a cancer diagnosis brings about several changes in life, with sexuality often being overlooked in this process. This article reflects on the possible spaces for considering sexuality during the illness experience, adopting an expanded understanding of the concept from a psychoanalytic perspective, in dialogue with the field of health. The study aimed to reflect on the experience of female sexuality after a cancer diagnosis through a psychoanalytic group intervention. This is a qualitative-exploratory study involving 17 women who participated in two different groups, guided by techniques from Learning Operative Groups and Photolanguage. An analysis of the main group themes was conducted, and the results were discussed in three categories: ambivalence in the experience of cancer; the transformation of sexuality—ways of understanding sexual experience beyond genitality; and mourning the loss of self and of possibilities. The study concludes that offering a protected and welcoming space enabled the formation of genuine bonds, opening the way for a redefinition of both sexuality and the illness experience for the women involved.

Keywords: Sexuality; Cancer; Group.

Resumen: Recibir un diagnóstico de cáncer provoca varios cambios en la vida, y la sexualidad suele ser desconsiderada en este proceso. Este artículo reflexiona sobre los espacios posibles para pensar la sexualidad durante la experiencia de la enfermedad, adoptando una comprensión ampliada de este concepto desde una perspectiva psicoanalítica, en diálogo con el campo de la salud. El estudio tuvo como objetivo reflexionar sobre la vivencia de la sexualidad femenina tras el diagnóstico de cáncer, a través de una intervención psicoanalítica grupal. Se trata de una investigación cualitativa-exploratoria, en la que participaron 17 mujeres en dos ofertas de grupo, guiadas por técnicas de Grupos Operativos de Aprendizaje y Fotolenguaje. Se realizó un análisis de los principales emergentes grupales, y los resultados se discutieron



¹Este artigo é derivado da dissertação de mestrado intitulada “A vivência da sexualidade feminina no adoecimento por câncer: uma proposta de intervenção psicanalítica em grupo”, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, da Universidade de São Paulo, em 2025. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-29082025-140250/pt-br.php>

² Mestra em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica, São Paulo, Brasil. anacarolians@gmail.com

³ Doutor, Professor Associado do departamento de Psicologia Clínica (PSC) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), São Paulo, Brasil. pablo.castanho@usp.br

em três categorias: a ambivalência na vivência do câncer; a transformação da sexualidade: formas de compreender a vivência sexual além da genitalidade; e o luto por a perda de si mesma e de suas possibilidades. Conclui-se que a oferta de um espaço protegido e acolhedor permitiu a formação de vínculos genuínos, abrindo a possibilidade de resignificar tanto a sexualidade como o processo de enfermidade das mulheres envolvidas.

Palavras chave: Sexualidade; Câncer; Grupo.

Introdução

O pensamento subversivo de Sigmund Freud, a partir da publicação da obra *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, alterou a forma como compreendemos o âmbito sexual dos seres humanos. A partir do trabalho desse autor, houve uma ampliação do conceito de sexualidade, para além do âmbito da relação sexual, do sexo enquanto penetração pênis-vagina e reprodução da espécie (Freud, 1905).

Diferenciando três conceitos principais: o sexual, para a psicanálise, refere-se a uma dimensão inconsciente, intrapsíquica e que pode se apresentar de diferentes formas, por exemplo, nos devaneios e fantasias (Ceccarelli; Andrade, 2018). Já a sexualidade é um aspecto inerente do ser humano, desde a infância, sendo uma construção singular de cada sujeito, e permeada tanto por aspectos conscientes, percebidos nas relações, quanto inconscientes. Com isso, dissocia-se do sexo, o qual permanece focado no âmbito biológico da genitalidade, assim como pode ser tido enquanto sinônimo de ato sexual (Freud, 1905).

Ao pensarmos no campo da saúde sexual – que, importante destacar, trata de um aspecto diferente do sexual para a psicanálise –, percebemos que a ampliação da concepção de sexualidade foi mais tardia. Por exemplo, o conceito de saúde sexual, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), foi definido pela primeira vez em 1975, sendo que impactantes mudanças ocorreram nas últimas quatro décadas, principalmente devido à pandemia de HIV/AIDS (OMS, 2020). Importantes acontecimentos na sociedade fizeram com que uma atenção maior fosse despendida à proteção e respeito dos direitos sexuais das pessoas, pensando tanto na vivência segura e prazerosa, quanto em aspectos de discriminação e violência.

Ao pensarmos na concepção de sexualidade proposta pela OMS, é possível refletirmos sobre possíveis impactos da psicanálise no desenvolvimento desse conceito, assim como similaridades, pensando em uma tentativa de diálogo. Por exemplo, a compreensão da sexualidade enquanto aspecto central e que está presente desde o nascimento até a morte, além de ambas englobarem o sexo, mas não se restringirem a ele, perpassando a forma como o sujeito se vê e se relaciona. Há também um aspecto de fantasias e desejos, que no âmbito psicanalítico seria acrescentada a compreensão do inconsciente, mas que mesmo sem essa menção, parece carregar na definição da OMS uma concepção diferente de outros processos mais racionalizados, como o pensamento.

Além disso, considera-se aspectos para além do biológico, assim como processos socioculturais, que perpassam crenças, valores e papéis de gênero. Tais características nos fazem pensar no mal-estar presente na cultura e na moral sexual, discutido por Freud (1908; 1930), e que mesmo com tantos avanços e mudanças na concepção de sexualidade, a partir da liberdade sexual, esse âmbito da vida permanece permeado por tabus e crendices.

Isso mostra que apesar das especificidades de cada área, dos jargões e teorias, é possível uma aproximação da psicanálise à saúde sexual e à oncologia, sendo uma aposta que esse trabalho procura fazer, mesmo diante de um cenário em que a maioria das intervenções referentes à sexualidade da mulher com câncer são de origem biomédica ou cognitivo-comportamental (Siles; Tarquinio, 2016).

O adoecimento por câncer é perpassado por angústias e incertezas, em um cenário que, muitas vezes, deixa aspectos da vida de lado, em busca de tratamentos que curem “custe o que custar” (Pimentel *et al.*, 2023; Junqueira; Santos, 2020). Nesse cenário, aspectos fundamentais têm sido negligenciados na assistência ao paciente oncológico, o que compromete a efetividade do cuidado integral, sendo a sexualidade feminina um dos exemplos mais recorrentes dessa lacuna. Diante disso, surgem perguntas que norteiam esta pesquisa: qual o lugar da sexualidade no adoecimento oncológico? Será que há um espaço para a sexualidade em um momento de crise, luto e sofrimento?

Junqueira e Santos (2020) realizaram uma oficina de colagem com mulheres após o tratamento para câncer de mama, constatando que preocupações referentes à sexualidade, à autoestima e ao corpo estiveram presentes em diferentes etapas no tratamento, desde o diagnóstico. Já Sebold *et al.* (2016) investigaram estratégias adotadas no enfrentamento das dificuldades sexuais encontradas durante o adoecimento por câncer de mama, por meio de entrevistas semiestruturadas. Os resultados desses autores apontaram que os cuidados com a estética corporal, o apoio dos profissionais da saúde, a inovação no relacionamento amoroso, a aceitação da doença e a cumplicidade do parceiro foram estratégias adotadas no enfrentamento do câncer, ressaltando que três das dez entrevistadas não conseguiram pontuar nenhum aspecto de superação.

Dessa maneira, nota-se que a partir do diagnóstico, os sujeitos passam a se deparar com questões que antes não eram possíveis de serem pensadas (Santos *et al.*, 2016). Nesse âmbito, verifica-se a existência de um campo de importante contribuição, devido à necessidade de oferta de espaços para auxílio dessas mulheres no atravessamento desse momento de crise. Diante desse cenário, este artigo objetiva refletir sobre a vivência da sexualidade feminina após o diagnóstico de câncer, por meio de uma intervenção psicanalítica em grupo.

Método

Foi realizado um estudo qualitativo, com caráter exploratório, sendo utilizada a pesquisa-intervenção como procedimento de coleta de dados (Rocha; Aguiar, 2003). Apoiamo-nos na dissolução de fronteiras entre intervenção, pesquisa e clínica, rompendo com padrões científicos tradicionais, ao ofertarmos uma proposta de transformação da realidade investigada (Klautau; Pacheco; Macedo, 2022).

Procedimentos

Participantes e recrutamento

Participaram pessoas que se identificavam enquanto mulheres e que receberam o diagnóstico oncológico, em qualquer etapa do processo de adoecimento, sem limitação de tempo ou tipo da doença. Também era necessário ser maior de 18 anos e ter interesse para participar de um grupo de acolhimento à sexualidade pelo período de 5 semanas.

O recrutamento ocorreu por meio de um cartaz-convite, divulgado entre profissionais da saúde por meio das redes sociais, que continha informações sobre a proposta, além do caráter voluntário de pesquisa acadêmica. Importante destacar que foi descrito neste material a concepção de sexualidade que utilizamos, a partir da psicanálise, a fim de clarificar do que se tratava a nossa proposta.

As interessadas preenchem um formulário eletrônico, que continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo que após a sua anuência, eram coletados dados de identificação, informações sobre o diagnóstico de câncer, além da disponibilidade para participação de uma das ofertas do grupo.

Ao todo participaram 17 mulheres desta intervenção. O grupo A foi composto por 9 participantes, sendo todas diagnosticadas com câncer de mama. Já o Grupo B teve 8 participantes, tendo a maioria o diagnóstico de câncer de mama e apenas uma participante o diagnóstico de câncer de endométrio. Para garantir o sigilo e a confidencialidade dos dados, as participantes foram nomeadas, aleatoriamente, a partir de flores.

Aspectos éticos

Salienta-se que todos os procedimentos éticos foram seguidos durante a realização deste estudo, com rigorosidade em relação às normativas dispostas na Resolução nº 510/2016 e no Ofício Circular nº 2/2021 – os quais tratam de orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual do Conselho Nacional de Saúde. Desse modo, esta pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da

Universidade de São Paulo, sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº: 79709024.8.0000.5561.

A intervenção em grupo

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado, intitulada: “A vivência da sexualidade feminina no adoecimento por câncer: uma proposta de intervenção psicanalítica em grupo”, da Universidade de São Paulo. A coleta de dados foi realizada entre os meses de agosto e setembro de 2024, por meio de dois grupos, pautados no referencial teórico da psicanálise de grupos (Kaës, 2011) e nas técnicas de Grupo operativo de aprendizagem (Pichon-Rivière, 1983) e da Fotolingüagem (Vacheret, 2008).

Foram propostos grupos fechados, a partir do segundo encontro, na modalidade *on-line*, com duração de cinco sessões semanais. A primeira sessão teve duração de 2 horas, devido ao uso do objeto mediador da Fotolingüagem, e as demais duração de 1 hora e meia.

Todos os encontros foram orientados pela tarefa, que consiste na não dissociação entre sentir, pensar e agir, sendo algo compartilhado por todos os membros (Pichon-Rivière, 1983). Conforme proposto pela técnica do grupo operativo de aprendizagem, a tarefa tem uma dimensão explícita, que é anunciada aos participantes no início de cada encontro, e outra implícita, que abrange a elaboração psíquica (Castanho, 2017). Dessa maneira, a tarefa explícita do Grupo de Acolhimento à Sexualidade feminina consistia em nos encontrarmos para “compartilhar e refletir sobre a sexualidade diante do adoecimento por câncer”.

Após o final de cada sessão, as coordenadoras se reuniam por 30 minutos para compartilharem suas impressões e afetos, associando em conjunto. Esse aspecto da técnica é denominado de análise da intertransferência (Kaës, 1976). Salienta-se que esses momentos eram gravados. Por fim, foram realizados relatórios clínicos de cada sessão, junto às transcrições das análises das intertransferências.

Análise dos dados

Em consonância com os aspectos técnicos, teóricos e metodológicos deste estudo, a análise dos dados coletados foi realizada seguindo o referencial psicanalítico, a partir de uma análise subjetiva de aspectos qualitativos. Diante da leitura dos relatos produzidos pela equipe de coordenação e do material transcrito da intertransferência, propusemos uma análise da compreensão da cadeia associativa e dos emergentes grupais (Kaës, 2011; Pichon-Rivière, 1983).

Destaca-se que todo material foi discutido com os membros do grupo de pesquisa “Clínica de Grupos e Instituições: Abordagem Psicanalítica” (CLIGIAP), possibilitando uma expansão do objeto trabalhado, em um espaço de reflexão e cooperação, inspirado na metodologia de análise de grupos descrita por Santeiro *et al.* (2021). Ademais, neste trabalho, os resultados foram organizados em três principais categorias, as quais foram ilustradas por relatos das participantes durante as sessões em grupo, a fim de colaborar para as discussões trazidas com a literatura recente.

Resultados e discussão

A ambivalência no adoecimento por câncer

Ao analisarmos o processo de ambos os grupos percebemos que houve uma movimentação em comum, permeada por ambiguidades, por tensões entre vida e morte, além da dualidade entre a gratidão por estarem vivas e a raiva perante o desejo de voltarem a ser como eram antes do diagnóstico. As participantes relataram com dor o lugar apassivado que passaram a ocupar diante do olhar do outro, a partir do diagnóstico e de serem a elas atribuído o papel de “pacientes”, o que pode ser percebido na seguinte fala:

Todo dia quando acordo tenho que agradecer por estar viva, mas ao mesmo tempo, todo dia quando acordo me sinto como se tivesse sido atropelada. Escuto muito, “você está viva” e que isso, por si só, deveria encerrar qualquer reclamação (Íris, Grupo B, segundo encontro).

Junqueira e Santos (2020, p. 572) marcam “a força das vivências paradoxais da doença oncológica”, visto que, por um lado, o câncer ainda é visto enquanto sinônimo da morte (Pimentel *et al.*, 2023), ao mesmo tempo que a sexualidade abrange aspectos da vitalidade do ser humano (Freud, 1905). Desse modo, ao juntarmos, neste estudo, essas duas temáticas – morte e sexualidade – tratamos de tabus presentes na nossa sociedade e aspectos inerentes a qualquer ser humano, independente do período de vida.

Diante desses aspectos que, à primeira vista, pareciam incompatíveis, no grupo, a coordenação buscou estratégias para integrar esses sentimentos, abrindo espaço para o sofrimento e para processar o significado do diagnóstico oncológico. Durante as sessões, foi destacado, por exemplo, que sentir raiva não anulava a gratidão das participantes pelos tratamentos recebidos. Da mesma forma, o fato de se sentirem gratas por estarem vivas podia coexistir com as dificuldades enfrentadas diante dos efeitos colaterais das medicações. Além disso, reconheceu-se que era legítimo sentir raiva por não haver opções melhores ou pelo simples desejo de que o processo fosse menos doloroso.

A transformação da sexualidade: formas de pensar a vivência sexual para além da genitalidade

Nota-se que o movimento de refletir sobre as transformações da sexualidade e das possibilidades de vivenciá-la não é um processo simples, o que apareceu no grupo em forma de silêncios e silenciamentos, na tentativa de cessar o assunto. Diante disso, percebemos que existia uma dificuldade em pensar a sexualidade para além da genitalidade, o que, muitas vezes, colocava as mulheres em uma posição de objeto perante o desejo sexual do parceiro, conforme exposto nos relatos a seguir:

Sei que não posso reclamar demais (do meu marido), pois sou privilegiada por ele ainda estar comigo (...) tenho uma obrigação com o meu marido por estar casada, um compromisso, e não consigo cumprir (Dália, Grupo A, primeiro encontro).

A sexualidade virou carinho, mas para o meu marido não (...) estamos em ritmos diferentes. Tenho baixa libido por conta da medicação (Magnólia, Grupo A, segundo encontro).

Muitos parceiros abandonam, mas, ao mesmo tempo, eles não sabem o que é passar pelo que a gente passa. Nós fomos castradas. O que fizeram com a gente não se faz com os homens. E se faz, não se espera que eles consigam transar depois (Peônia, Grupo B, segundo encontro).

Reflete-se sobre o sentimento de obrigação da manutenção de sexo em uma relação matrimonial e o quanto essa sensação de “dívida” gera culpa e desvalia, estando intrinsicamente ligada à identidade e “ao valor” da mulher, como exposto em estudos na literatura (Jennings *et al.*, 2023; Pimentel *et al.*, 2023). Santos *et al.* (2016) pontuam alguns motivos para as mulheres não interromperem as relações sexuais durante o tratamento por câncer, mesmo diante do estresse e de todo o processo de recuperação, como o medo de serem traídas e a compreensão de que o sexo estaria relacionado à expressão de amor em um bom relacionamento, sendo excluídos dessas justificativas relatos que apontassem para a satisfação sexual feminina.

Percebe-se, com isso, um sentimento de impotência frente as expectativas do outro. Dessa forma, a coordenação buscou, no manejo grupal, trazer movimento, abrindo para outras possibilidades, como, por exemplo, conversar com o parceiro e se permitir sentir raiva, validando as dificuldades presentes na experiência vivida por essas mulheres.

Além disso, foi possível, no espaço do grupo, questionar como seria vivenciar essa sexualidade genital com os efeitos e dores do tratamento do câncer. A partir desse impasse, ampliou-se a concepção de sexualidade, trazendo maior destaque à relação consigo mesma, com o próprio corpo, feminilidade, desejo e prazer. Ao longo dos encontros, os relatos passaram a trazer transformações no modo de se relacionar, na maneira de se perceber e de se priorizar, assim como o desejo por carinho e por cultivar uma outra forma de relação com a parceria:

Eu não quero transar, mas eu me sinto muito sensual (Íris, Grupo B, quarto encontro).

Temos que quebrar essa ideia de sexo pênis-vagina, porque isso não funciona mais. O que me dá prazer agora é um bom carinho nas costas (Peônia, quinto encontro).

Landry (2018) corrobora, apontando que com o diagnóstico de câncer, a sexualidade passa a ocupar um lugar não genital nos relacionamentos amorosos, priorizando-se a companhia, a ternura e o contato físico, por meio de carinhos, para além da relação sexual com penetração, a qual, muitas vezes, pode ser dificultada pela indisposição da doença.

Caminhando para a finalização da intervenção, verificamos relatos de intensas movimentações após o diagnóstico de câncer, a fim de “reaprender tudo” (sic). As participantes passaram a questionar cada vez mais as normas preestabelecidas do que seria prazer e sexo, afirmando o quanto ficavam “paranoicas” com os tratamentos e com a busca de voltarem a ser mais parecidas com o que eram antes. No entanto, abre-se para a possibilidade de reconstrução da sexualidade para além dos limites impostos pela sociedade.

O luto pela perda de si e suas possibilidades

Por fim, percebe-se que ao propormos falar sobre sexualidade foi possível também repensar a relação com o adoecimento e a própria vida, a partir da validação do sofrimento e do processo de luto, o qual é natural, singular e sem tempo definido para um fim (Freud, 1917). Com o diagnóstico de câncer, perde-se o estado ideal de ser uma pessoa saudável e passa-se a vivenciar um processo de (re)descobrir o que se pode ser:

O câncer redimensionou algo dentro de mim, de querer mais, querer algo melhor para mim, não aceitar qualquer relação (Margarida, Grupo A, terceiro encontro).

Nota-se, na literatura, que é frequente os pacientes oncológicos, ao vivenciarem o processo de luto, passarem por uma ressignificação da própria vida, adquirindo uma postura ativa diante da marca da morte, podendo repensar o modo de se viver, buscando sentido e novos propósitos (Junqueira; Santos, 2020, Pimentel *et al.*, 2023). Para Freud (1916), ao nos depararmos com a nossa própria finitude, parece existir uma maior valorização da vida, visto que diante da limitação, aumenta-se a preciosidade. E com os avanços da medicina, esse processo de repensar aspectos essenciais parece ter um maior tempo para ser digerido e colocado em prática, reforçando a importância de intervenções de suporte emocional para este público.

Marca-se que a doença passa a fazer parte da vida e que é necessário (re)aprender a ser, junto com ela. Levkovich, Hamama-Raz e Shinan-Altman (2023) reforçam essa compreensão ao evidenciarem que as participantes, mesmo diante das fragilidades impostas pela experiência do câncer, relataram um processo de ressignificação subjetiva, a partir de uma percepção mais positiva de si mesmas. Embora reconheçam a própria vulnerabilidade, também enfatizam o despertar de uma significativa força interior e a identificação de novas potencialidades.

Um outro exemplo aconteceu no terceiro encontro do Grupo B, as participantes fizeram vários questionamentos do que elas poderiam oferecer de material para a pesquisa. Ao invertermos essa lógica, pontuando que o espaço foi construído para que elas usufríssem da maneira como desejassem, o clima do grupo mudou. As participantes admitiram que nunca tiveram essa oportunidade de escuta antes, podendo assim aparecer os sofrimentos com os efeitos dos tratamentos e o luto pela perda de si. Ao se apropriarem do grupo com suas vivências, elas puderam começar a se apropriar de si mesmas, a partir da abertura a possibilidade de transformação da própria vida e o valor de se estar em comunidade para isso.

A importância de estar em grupo para mulheres diagnosticadas com câncer é respaldada na literatura científica (Bifulco; Faleiros, 2014; Junqueira; Santos, 2020; Martins; Ouro; Neri, 2015; Sebold *et al.*, 2016). Com isso, percebemos a necessidade de ter uma rede de suporte emocional e microsocial, tendo o espaço grupal propiciado um espaço legítimo para a expressão e a troca de vivências.

Considerações finais

Logo, percebemos que a oferta de um espaço protegido e acolhedor tornou possível o compartilhamento de experiências e o fortalecimento dos vínculos entre as participantes, abrindo possibilidades para ressignificar a sexualidade e o processo de adoecimento das mulheres envolvidas. Destaca-se a potência do método da pesquisa-intervenção, em que não só se buscou compreender mais sobre uma realidade, como

permitiu que transformações acontecessem com todos os envolvidos, inclusive as pesquisadoras responsáveis pela coordenação dos grupos.

Entre as limitações deste estudo, aponta-se que, a partir da metodologia proposta - um estudo qualitativo, por meio de uma análise subjetiva de pequenos grupos heterogêneos -, os achados aqui apresentados não podem ser generalizados. Além disso, apesar dos critérios de inclusão terem buscado contemplar um perfil diverso de mulheres e diagnósticos oncológicos, observou-se uma predominância de participantes com diagnóstico de câncer de mama. Esse dado, portanto, limita a representatividade dos resultados em relação a outras neoplasias, ao mesmo tempo em que nos leva a refletir sobre o forte simbolismo, tanto sexual, quanto de feminilidade, ainda presente nesse órgão em nossa cultura. Diante desse cenário, indica-se a importância de pesquisas futuras insistirem na investigação de diferentes diagnósticos de câncer no público feminino.

Por fim, notamos que os grupos se encerraram com a ideia de que não há “fórmula pronta”, nem no encontro e na técnica de coordenação de grupos, muito menos na sexualidade. Uma vida diferente continua após o câncer, sendo que frente ao vislumbre de um fim, que, muitas vezes, carrega a notícia de uma doença grave, há um horizonte de possibilidades e essa “é a nossa revolução”, como dito pela participante Peônia, em nosso último encontro.

Agradecimentos

Ao apoio financeiro concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

BIFULCO, V. A.; FALEIROS, D. A. M. Psico-oncologia. In: BIFULCO, V. A.; FERNANDES JÚNIOR, H. J. (Eds.). Câncer: uma visão multiprofissional. São Paulo: Manole, 2014.

CASTANHO, P. Sobre a questão da tarefa no grupo: aspectos psicanalíticos e psicossociais. In: OKAMOTO, M. Y.; EMÍDIO, T. S. (Eds.). *Perspectivas psicanalíticas atuais para o trabalho com grupos e famílias na Universidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 88–101.

CECCARELLI, P. R.; ANDRADE, E. L. O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 21, n. 2, p. 229–250, 2018. DOI: <https://www.doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n2p229.2>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/CH3tBWTgMrsmfzXCsg99cC/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. (Ed.). *Obras completas*. Volume 6. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1905-2016. p. 13–172.

FREUD, S. A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna. In: FREUD, S. (Ed.). *O Mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1908-2020. p. 65–97.

FREUD, S. A transitoriedade. In: FREUD, S. (Ed.). *Obras completas*. Volume 12. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1916-2010. p. 185–189.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: FREUD, S. (Ed.). *Neurose, psicose e perversão* (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 5). Belo Horizonte: Autêntica, 1917-2022. p. 99–121.

FREUD, S. O mal-estar na cultura. In: FREUD, S. (Ed.). *O Mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1930-2020. p. 305–409.

JENNINGS, A. et al. Women’s psychosexual experiences following radical radiotherapy for gynaecological cancer: A qualitative exploration. *Journal of psychosocial oncology*, v. 41, n. 3, p. 355–371, 2023. DOI:

<https://www.doi.org/10.1080/07347332.2022.2114054>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/07347332.2022.2114054>. Acesso em: 15 abr. 2025.

JUNQUEIRA, L. C. U.; SANTOS, M. A. D. Atravessando a tormenta: imagem corporal e sexualidade da mulher após o câncer de mama. *Revista Família Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, v. 8, p. 562, 2020. DOI: <https://www.doi.org/10.18554/refacs.v8i0.4669>. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletro-nica/index.php/refacs/article/view/4669>. Acesso em: 21 abr. 2025.

KAËS, R. Analyse intertransférentielle, fonction alpha et groupe-conteneur. *Évolution Psychiatrique*, v. 41, n. 2, p. 339-347, 1976.

KAËS, R. *Um singular plural. A psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

KLAUTAU, P.; PACHECO, E.; MACEDO, M. M. R. O uso da pesquisa-intervenção em trabalhos psicanalíticos: construção de espaços de escuta para sujeitos trans. In: PINHEIRO, N. N. B.; PERES, R. S.; CORDEIRO, S. N. (Eds.). *Pesquisas acadêmicas em Psicanálise: reflexões teóricas e ilustrações práticas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 111–126.

LANDRY, S. Soins palliatifs en cancérologie et place de la sexualité. *Revue internationale de soins palliatifs*, v. 33, n. 3, p. 143–148, 2018. DOI: <https://www.doi.org/10.3917/inka.183.0143>. Disponível em: <https://stm.cairn.info/revue-infokara-2018-3-page-143?lang=fr>. Acesso em: 20 abr. 2025.

LEVKOVICH, I.; HAMAMA-RAZ, Y.; SHINAN-ALTMAN, S. “A kaleidoscope of relationships” — cervical cancer survivors’ perspectives on their intimate relationships: A qualitative study. *Palliative & supportive care*, v. 21, n. 2, p. 214–223, 2023. DOI: <https://www.doi.org/10.1017/S147895152100198>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/palliative-and-supportive-care/article/kaleidoscope-of-relationships-cervical-cancer-survivors-perspectives-on-their-intimate-relationships-a-qualitative-study/>. Acesso em: 19 mar. 2025.

MARTINS, A. R. B.; OURO, T. A.; NERI, M. Compartilhando vivências: contribuição de um grupo de apoio para mulheres com câncer de mama. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 131–151, 2015. DOI: <https://www.doi.org/10.57167/Rev-SBPH.18.293>. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/293>. Acesso em: 24 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS. *Saúde sexual, direitos humanos e a lei*. Porto Alegre: UFRGS, 2020.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1983/2009.

PIMENTEL, N. B. L. et al. Repercussões psicossociais do tratamento radioterápico para o câncer do colo uterino: uma abordagem qualitativa. *Cogitare Enfermagem*, v. 28, 2023. DOI: <https://www.doi.org/10.1590/ce.v28i0.83874>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cenf/a/QbndB6M7T8zMqRDzkFbNHQL/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ROCHA, M. L. DA; AGUIAR, K. F. DE. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 23, n. 4, p. 64–73, 2003. DOI: <https://www.doi.org/10.1590/S1414-98932003000400010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/XdM8zW9X3HqHpS8ZwBVxpYN/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SANTEIRO, T. V. et al. Processos de pesquisa e(m) grupos: ser ou não ser operativo? In: SANTEIRO, T. V.; FERNANDES, B. S.; FERNANDES, W. J. (Eds.). *Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: teoria, prática e pesquisa*. Londrina: Clínica Psicológica, 2021. p. 435–448.

SANTOS, D. B. et al. Interrupção e Retomada da Vida Sexual após o Câncer de Mama. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, v. 32, n. 4, 2016. DOI: [10.1590/0102.3772e324219](https://www.doi.org/10.1590/0102.3772e324219). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/SJPdjFPGF5ZLqC9LyDqydHg/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SEBOLD, N. et al. Sexualidade no enfrentamento do câncer de mama: estratégias de superação. *Revista Re-cien - Revista Científica de Enfermagem*, v. 6, n. 18, p. 51–62, 2016. DOI:

<https://www.doi.org/10.24276/rrecien2358-3088.2016.6.18.51-62>. Disponível em: <https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/113>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SILES, J.; TARQUINIO, C. Les conséquences psychosexuelles et leurs traitements dans le champ du cancer: une revue systématique d'interventions psychothérapeutiques. *Sexologies*, v. 26, n. 2, p. 87–95, 2017. DOI: <https://www.doi.org/10.1016/j.sexol.2016.06.004>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1158136016300354>. Acesso em: 01 abr. 2025.

VACHERET, C. A Fotolinguagem©: um método grupal com perspectiva terapêutica ou formativa. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 10, n. 2, p. 180–191, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000200014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 abr. 2025.

Recebido em: 25/04/2025

Aprovado em: 14/09/2025